



PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE SUJEITOS:
OS INDÍGENAS COMO UM DAR A SABER NAS
NOTAS DE JOSÉ DE ALENCAR

PRODUCTION OF MEANINGS ABOUT SUBJECTS:
INDIGENOUS PEOPLE AS A LETTER OF KNOWLEDGE
IN JOSÉ DE ALENCAR'S NOTES

Milena PALHA¹

Vanise Gomes de MEDEIROS²

RESUMO

A análise das notas que compõem as obras indianistas *Ubirajara* e *Iracema*, do escritor José de Alencar fez parte de um projeto maior que aqui nos dedicamos a apresentar uma parte. Para alcançar o objetivo principal de nossa pesquisa, a saber, compreender de que modo a imagem da mulher indígena é construída nas notas, decidimos percorrer alguns caminhos de análise. Um desses recortes é o que aqui será apresentado e consistiu em propor uma reflexão das notas a partir de seus diferentes modos de existir, a partir de certos funcionamentos. Para que pudéssemos trabalhar as notas em sua especificidade, foi preciso buscar o apoio teórico da História das Ideias Linguísticas (HIL), como concebida na França por Sylvian Aurox e sua equipe e conforme ela vem sendo trabalhada no Brasil em articulação com a Análise do Discurso materialista. Com o intuito de tornar a análise das notas mais precisa percorremos o seguinte caminho analítico: dedicamos um tempo para refletirmos o funcionamento das notas como glossário e o funcionamento enquanto enciclopédias. O percurso assumido nos ajudou a compreender que ora as notas podem funcionar *como um dar a saber sobre a língua*, ora podem funcionar *como um dar a saber sobre os sujeitos*. Tais gestos de análise

¹ Mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (2021). E-mail: milena0806@hotmail.com.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense (2003). Professora da Universidade Federal Fluminense. E-mail: vanisegm@yahoo.com.br.



nos ajudaram a aprofundar a compreensão acerca da história das notas de rodapé no Brasil e a forma como ele tem sido abordada em algumas pesquisas no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE

História das Ideias Linguísticas. Notas de Rodapé. José de Alencar. Glossários. Enciclopédia.

ABSTRACT

The analysis of the notes that make up the Indianist works *Ubirajara* and *Iracema*, by the writer José de Alencar, was part of a larger project of which we are dedicated to presenting a part here. To achieve the main objective of our research, namely, understanding how the image of indigenous women is constructed in the notes, we decided to follow some paths of analysis. One of these excerpts is what will be presented here and consisted of proposing a reflection of the notes based on their different ways of existing, based on certain functions. In order for us to work on the notes in their specificity, it was necessary to seek theoretical support from the History of Linguistic Ideas (HIL), as conceived in France by Sylvian Auroux and his team and as it has been worked on in Brazil in conjunction with Discourse Analysis materialistic. In order to make the analysis of the notes more precise, we followed the following analytical path: we took time to reflect on the functioning of the notes as a glossary and their functioning as encyclopedias. The path taken helped us to understand that sometimes notes can function as information about the language, and sometimes they can function as information about the subjects. Such analytical gestures helped us to deepen our understanding of the history of footnotes in Brazil and the way in which it has been approached in some research in Brazil.

KEYWORDS

History of Linguistic Ideas. Footnotes. José de Alencar. Glossaries. Encyclopedia.



Como o banheiro, a nota de rodapé moderna é essencial à vida histórica civilizada; como o banheiro, ela parece ser um assunto entediante para a conversação polida e chama a atenção, na maioria das vezes, quando funciona mal. Como o banheiro, a nota de rodapé permite lidar privadamente com tarefas feias; como o banheiro, as notas de rodapé descem suavemente pela tubulação – muitas vezes, recentemente, nem mesmo no pé da página, mas no fim do livro. Fora da vista, e até mesmo fora das reflexões, parecem ser exatamente o lugar a que um dispositivo tão banal deva pertencer.³ (Anthony Grafton, 1998, p. 17).

ESCRITAS À MARGEM DA/NA HISTÓRIA: OS CAMINHOS DAS NOTAS DE PÉ DE PÁGINA

O deslizar pelas páginas de algumas obras pode ser interrompido pela intromissão de pequenos textos, ou de pequenos sinais que apontam para um *lugar a mais*, um lugar de dizer que se estende para além do texto principal. Nos convocando a *dar uma pausa* no caminho de nossa leitura, as notas de pé de página, postas à margem do texto, ou ao final da obra, podem narrar histórias marginais, reconstruir batalhas menos importantes ou descrever detalhes curiosos, conforme nos diz Grafton (1998), a partir da leitura que fizemos de Medeiros (2017). Mas não só. Lançar luz sobre cantos obscuros da história constitui uma das funções das notas de pé de página. Função importante, mas que não é levada tão a sério pela historiografia moderna.

Conforme nos diz Grafton (1998), o uso moderno das notas de pé de página está atrelado a uma prática: a prática da escrita da história do século

³ A leitura de Grafton nos veio após a leitura do artigo *Na Urdidura das notas de pé de página*, de autoria da Vanise Medeiros. O artigo que fora publicado em 2017 decorreu de uma palestra proferida no Colóquio Museus, arquivos: lugares de memória no/do espaço urbano, organizado por Maria Cleci Ventuni na UNICENTRO, em Guarapuava, Paraná, em agosto de 2016.



XVIII. Segundo o autor, “elas constituem nas ciências humanas um equivalente das referências a dados nos relatórios científicos: fornecem suporte empírico para as histórias contadas e os argumentos apresentados” (Grafton, 1998, p. 7). Tomadas como símbolo da erudição moderna, no século XVIII, as notas das obras históricas constituíam uma forma nobre da arte literária. (Grafton, 1998, p. 13). Se, inicialmente, elas apontam para “um equivalente da civilização industrializada para antiga vocação da Musa: uma longa nota na qual o autor agradece a professores, amigos e colegas” (Grafton, 1998, p. 18), ao longo do século XIX, elas passam a servir como uma espécie de prova, como uma forma de dar legitimidade a pesquisa dos historiadores. Os textos *convencem* e as notas *provam*, segundo a fórmula explicitada por Grafton.

Fazendo parte de uma prática científica complexa, as notas de rodapé, podem variar em natureza e conteúdo. Conforme assinala Grafton, as notas não variam apenas ao que correntemente se denomina como “estilo”, mas também às condições de produção (Grafton, 1998, p. 22). Algumas, conforme nos diz Grafton, podem documentar um conhecimento individual arduamente conquistado por um estudante, acerca de uma questão obscura e outras podem funcionar como resultado de um trabalho feito em equipe, fornecendo informações obtidas depois, e não antes de sua escrita, com a finalidade de apoiar uma tese preexistente (Grafton, 1998, p. 23). O apontamento de Grafton nos leva refletir acerca da singularidade material das notas de pé de página e das suas relações históricas que acabam por regular a sua produção.

Em nosso trabalho, cabe assinalar, que as notas de rodapé estão atreladas a uma prática outra, a saber, a uma prática literária do século XIX. Inseridas às margens dos romances, as notas são tomadas a partir de uma função que as relaciona de forma estrita ao exercício da citação. Conforme



nos diz Abreu (2002), inserir textos alheios, recortá-los conforme o interesse, censurá-los quando julgasse necessário: tal é a característica das notas à margem dos romances (Abreu, 2002, p. 10). A utilização sistemática das notas nos romances, nos diz Abreu, “remete à mais requintada tradição literária europeia”. No século XVII, segundo Grafton, as notas de rodapé literárias “floresceram e se propagaram como ramos e folhas em um papel de parede de Willian Morris” e na Inglaterra, “tradição e filosofia, erudição e filosofia, erudição genuína e suas contrafaçções entraram nas batalhas travadas nas margens inferiores de alguma das mais brilhantes páginas da literatura setecentista” (Grafton, 1998, p. 99).

Se o caminho da história nos mostra que o percurso das notas de pé de página pode variar, a partir das funções que elas podem assumir, o caminho do discurso nos leva a percorrer as notas a partir de sua *materialidade*, a partir da historicidade que é a do próprio do texto, sua determinação histórica, “que não é mero reflexo do fora, mas se constitui já na própria tessitura da materialidade linguística” (Orlandi, 2008, p. 35). É a partir de uma ótica discursiva que passaremos a pensar as notas a partir de seus funcionamentos. E como *sintomas* do fato de que um texto é sempre incompleto, conforme nos lembra Orlandi (2008).

DAS NOTAS COMO GLOSSÁRIO: O FUNCIONAMENTO DAS NOTAS EM IRACEMA

Publicada em 1865, a obra *Iracema*, constitui uma das obras que forma o que nos estudos literários se costuma denominar de “a tríade indianista”. Assim como nas demais obras indianistas que compõem o projeto literário de José de Alencar, é possível encontrar em *Iracema*, textos adicionais à



obra: prefácio, posfácio e notas⁴. No final do prefácio de *Iracema* observamos que as notas se inscrevem como o avesso do prólogo, como um lugar mais reservado, um lugar em que a liberdade do sujeito da posição de autor pode ser ampliada:

Mas sempre fui avesso aos prólogos; em meu conceito eles fazem à obra, o mesmo que o pássaro faz a fruta antes de colhida; roubam as primícias do sabor literário. Por isso me reservo para depois. Na última página me encontrará de novo; então conversaremos a gosto, em mais liberdade do que teríamos neste pórtico do livro, onde a etiqueta manda receber o público com a gravidade e reverência devida a tão alto senhor (Alencar, 1965, p. 9, *Iracema*).

Se por um lado a imagem das notas construída no prefácio é a de um espaço que se configura a partir de uma liberdade com relação à escrita, que projeta uma relação imaginária de maior liberdade entre autor e leitor, por outro lado, no posfácio, a imagem que se projeta das notas é a de um espaço restrito, reservado para poucos leitores. “Encher o livro de grifos que o tornariam mais confusos e de notas que ninguém lê?”, se questiona o sujeito na posição de autor. E do que se compõem as notas? Nos questionamos. Como se dá o seu funcionamento?

Das notas que compõem a obra *Iracema* fizemos as seguintes observações:

- i. em *Iracema*, o primeiro verbete chamado *argumento histórico*, comparece após a indicação da localização da página em que ele se encontra. É a partir deste critério que as notas se organizam e não a

⁴ Os textos adicionais não comparecem da mesma maneira nas obras *O Guarani* e *Ubirajara*. Em *Ubirajara*, por exemplo, não há prefácio.



partir de um critério alfabético. Conforme dito em outro trabalho⁵, tal modo de organização nos permite assinalar o pertencimento das notas ao texto, já que a ordem dos verbetes é dada pela aparição de tal ou qual no texto

- ii. elas configuram um total de 132 notas e elas podem ser agrupadas a partir de eixos temáticos. A divisão por eixos temáticos constitui um de nossos gestos de leitura das notas.
- iii. A formulação dos verbetes em *Iracema* se dá a partir de três aspectos: (a) verbetes na forma de item lexical, como é caso das notas *graúna* e *jati*; (b) verbetes na forma de sintagma nominal, caso da nota *as mais belas mulheres* e (c) verbetes na forma de sintagma verbal, como na nota *quebrar a flecha*.

Em *Iracema*, a formulação dos verbetes se dá, em sua grande maioria, na forma de item lexical, nos dando a ver que a questão que está em jogo é uma questão de língua, conforme Medeiros (2019)⁶ e conforme podemos ver nas notas a seguir.

⁵ (Cf. Medeiros; Milena, 2018, p. 199).

⁶ No artigo *A retórica da mediação: dois momentos*, Vanise Medeiros analisa as notas que aparecem nos romances *Iracema* e o *Guarani*. A sua entrada nas notas e dá a partir da relação entre as línguas indígenas e a língua portuguesa. Nos dois romances, constata a autora, que línguas indígenas aparecem nos verbetes que constituem as notas. Como se dá o gesto de captura das línguas indígenas? Se pergunta a autora. O trabalho de Medeiros nos leva a perceber que há nas notas questões relativas às línguas, mas não somente. Incidindo sobre as notas está tanto um saber do tipo enciclopédico e/ou glossarístico. Mas a análise da autora recai justamente sobre o funcionamento da relação entre as línguas nas notas. Para ler mais: *Linguagem em (Dis)curso-Lem D*, Tubarão, SC, v.19, n.2, p.355-371, jan./abr.2019.



- Pág.61. *Ubiratan* – Pão ferro de *ubira* – pão e *antan* duro (Alencar, 1865, *Iracema*)
- Pág. 92. – *Merioca* – De *meru*, mosca, e *oca* casa. Serra junto de Sobral fértil em mantimentos. (Alencar, 1865, *Iracema*)
- Pág.153. – *Copim* – Insecto conhecido – O nome compõe-se de *co* – buraco e *pin* ferrão (Alencar, 1865, *Iracema*)

O que gostaríamos de ressaltar é, na primeira nota, para a nossa reflexão é o modo como se dá a inscrição do verbete. Sublinhada pelo itálico a palavra é posta como heterogeneidade mostrada marcada, conforme Medeiros (2019)⁷, colocada na posição de alteridade a ser revelada pela definição, ao mesmo tempo em que é colocada como alteridade em relação ao universo linguístico do sujeito enunciador. A dobra da palavra é feita a partir de uma definição que é recorrente no universo dicionarístico: X :Y. Fórmula que trabalha a palavra a partir da transparência do sentido e que caracteriza o gesto do sujeito na posição lexicógrafo como um gesto que se dá a partir do movimento de desopacização da palavra. A ausência de conectivos entre as palavras, entre o verbete e a definição demarca que o trabalho de definição está sendo feito a partir da sinonímia, cujo efeito é o de aproximar e colocar em equivalência mundos linguísticos distintos. O gesto de definição da palavra nos faz lembrar, com Nunes (2006) que definir uma palavra é atribuir uma unidade imaginária a uma porção do real, “unidade que falha, desvanecendo-se logo e criando o desejo de complementação,

⁷ A inscrição do verbete que se faz a partir da fórmula X é Y, tem como um de seus efeitos, conforme assinalado por Medeiros (2019), fazer equivaler dois universos linguísticos distintos, através da instauração da nomeação.



de reformulação, de reedição” (Nunes, 2008, p. 22). É esse o desejo que se marca na sequência da definição, cuja dobra se dá mais uma vez a partir da decomposição da palavra. A fórmula completa da definição que é a de X:Y de (X1) e (X2), nos mostra que a entrada na língua indígena se dá a partir da morfologia, que se marca como um modo de se fazer léxico em outras línguas (Medeiros, 2019, p. 366).

O gesto de trabalhar a palavra a partir da sinonímia e a partir da decomposição de suas partes aponta para a posição em que se inscreve o autor para definir as palavras *outras*, palavras dos *outros*: posição sujeito lexicógrafo. Um dos aspectos que caracteriza a forma sujeito lexicógrafo é justamente o de se colocar na posição de dizer que uma palavra X significa Y e não Z, conforme nos diz Nunes (2006). Um outro aspecto ressaltado por Nunes, em relação a forma sujeito lexicógrafo está atrelado a função de “autoria”, o de tomar sujeito lexicógrafo não como um sujeito empírico, mas como uma forma histórica do sujeito-autor em diferentes conjunturas (Nunes, 2006, p. 22).

Com Grigoletto (2008) uma nova noção comparece para mostrar que o sujeito do discurso pode produzir movimentos de (des)identificação no entremeio de noções como lugar social e posição-sujeito. Para a autora, a noção de lugar discursivo pode ser considerada mais uma categoria de análise. Uma categoria “que é materializada na passagem do espaço empírico, onde se encontram os espaços sociais, para o espaço discursivo” (Grigoletto, 2008, p. 7). Segundo a autora o lugar discursivo estaria no entremeio entre o lugar social (empírico) e a posição-sujeito. A reflexão da autora nos ajuda a pensar que a inscrição do sujeito via lugar discursivo pode abrigar, no seu interior, diferentes e até contraditórias posições discursivas. Um sujeito por exemplo ao se inscrever a partir do lugar discursivo do autor pode ocupar



diferentes posições no discurso. Interessa-nos observar, nas notas, como a inscrição do sujeito feita a partir do lugar do autor pode se desdobrar em diferentes posições discursivas. Vale lembrar com Grigolletto que

[...] ao passar do espaço empírico para o espaço discursivo, o sujeito é afetado pelo inconsciente, tendo a ilusão muitas vezes, de que é possível produzir um apagamento do seu lugar social. Mas tal apagamento é somente um efeito, um simulacro, já que a inscrição num determinado lugar discursivo implica sempre uma determinação do lugar social. Ou seja, sempre haverá uma determinação ideológica (Grigolletto, 2008, p. 8).

A configuração das notas em *Iracema* se dá, conforme tentamos mostrar, a partir de uma configuração que se aproxima de um tipo de fazer característico dos dicionários. O que nos leva a crer que nas notas há um deslocamento do lugar discursivo do autor para a posição-discursiva lexicógrafo, conforme Medeiros (2014). O que nos levou a concluir que em seus muitos modos possíveis de funcionar, as notas, em *Iracema*, funcionam como glossário. Isso porque, conforme assinala Medeiros (2016), os glossários em pé de página apresentam uma funcionalidade: o de incidir sobre a discursividade da língua. Para Medeiros, o que está em jogo no funcionamento das notas enquanto glossário é um trabalho com os sentidos das palavras, que se visa conter, controlar (Medeiros, 2016, p. 26). Mas não somente. Em seu trabalho acerca das notas que compõem os romances de José de Alencar, Medeiros nos mostra, a partir da análise dos verbetes de *O Guarani*, que as notas podem funcionar não somente como um dar a saber sobre a língua, mas um dar a saber “dos personagens históricos que se encontram no romance, da flora e da fauna brasileira, dos costumes dos colonizadores e dos indígenas” (Medeiros, 2019, p. 358). São notas, nos diz



Medeiros (2019), que se avizinham a um fazer enciclopédico e/ou dicionarístico.

Tal observação é o que nos leva a refletir, juntamente com Medeiros que,

nem todo glossário se faz em pé de página, nem toda nota de pé de página resulta em glossário. As notas de pé de página podem, entre outras funções, indicar fonte bibliográfica, abarcar citações, explicações, comentários, traduções ou fragmentos do texto original. Funcionar como glossário é uma de suas manifestações (Medeiros, 2016, p. 26).

Ao trabalharmos as notas de *Iracema*, a partir de sua especificidade, chegamos à conclusão de que elas funcionam como glossário. Isso porque, nas notas, há comentários acerca dos sentidos das palavras, de sua etimologia, de seu aspecto morfológico, sintático entre outras funções que apontam para certos funcionamentos da língua. Operando também muito próximo de um saber do tipo dicionarístico, as notas de *Iracema*, em sua grande parte, são tecidas a partir da fórmula X é Y, o que nos dá a ver um funcionamento que é regido a partir da memória de um tipo de fazer dicionarístico. Vale lembrar que outros movimentos estão em jogo na confecção das notas em Alencar. O trabalho de sinonímia comparece ao lado de outros movimentos como o de definições e explicações. Nas notas tanto está em jogo a ilusão da relação entre dois dizeres (X é Y), como a impossibilidade de equivalência entre significantes. Conforme podemos ver na nota a seguir.

Pág. 44 *Guará* – Cão Selvagem, lobo brasileiro. Provem esta palavra do verbo *u* comer, do qual se forma com o relativo *G* e a desinência *ara* o verbal *g-u-a-r-á* comedor. A sílaba final longa é a partícula propositiva *ã* que se serve para dar força a palavra .
G-u-ára-ã realmente comedor, voraz (Alencar, 1865, grifos do autor, *Iracema*)



No caso da nota destacada, o que entra em cena é a questão do aparecimento da polissemia, a partir do trabalho com a sinonímia. Um gesto de confecção das notas de *Iracema* já identificado anteriormente por Medeiros (2019). Com Medeiros recuperando Nunes (2006) ficamos sabendo que o trabalho com a sinonímia pode nos conduzir a duas imagens de língua: a da justeza e a da abundância. Nos verbetes de *Iracema*, conforme constata a autora é a segunda imagem que prevalece (Medeiros, 2019, p. 367). Vale lembrar com Medeiros que a sinonímia é posta na língua portuguesa o que corrobora para a construção de imagens da língua indígena como concisa, “uma vez que um item lexical em língua indígena abriria para vários sentidos em língua outra” (Medeiros, 2019, p. 368) ou como menos rica “indicando que não se trata de uma língua que apresente sinonímia” (Medeiros, 2019, p. 368). Mas, de uma maneira geral, os verbetes em *Iracema*, funcionam a partir da fórmula X é Y, conforme podemos ver na nota a seguir.

graúna: é o pássaro conhecido de cor negra luzidia. Seu nome vem por corrupção de *guira*-pássaro, e una, abreviação de *pixuna*-preto. (Alencar, 1865, p. 164, *Iracema*)

O percurso do verbete que é feito a partir da fórmula X é Y, nos dá a ver a inscrição de um sujeito na posição sujeito lexicógrafo incidindo sobre a posição sujeito autor; um movimento destacado por Medeiros (2016) em glossários feitos para o texto literário. Conforme nos diz Medeiros, tais glossários decorrem de um livro ou de uma obra de escritor e estão, portanto, de alguma forma presos ao texto (Medeiros, 2016, p. 80). Tal é o glossário em *Iracema*. Nesse sentido, conforme aponta Medeiros, para além de constituírem uma metalinguagem, (caso dos dicionários), os glossários para livros de literatura funcionam como



um metatexto⁸ (Medeiros, 2016, p. 80). Conforme assinalado pela autora, nesse tipo de glossário duas posições discursivas se entrelaçam: a posição do escritor (que teceu o texto) e a posição do lexicógrafo (que produziu o glossário). No caso do glossário em *Iracema*, observamos que a segunda posição volta-se sobre o fazer do primeiro, incidindo no modo como se produz o saber *sobre a língua*. Observamos que, de uma maneira geral, o trabalho que se dá é um trabalho acerca da palavra. Nas notas tenta-se classificar, definir e explicar as palavras. Nas notas em *Iracema*, observamos que apenas uma nota não está funcionando como glossário. Trata-se da nota *Argumento histórico*; nota mais longa e que encabeça o glossário. Segue o trecho inicial da nota.

Pág.1 – *Argumento histórico* – Em 1603, Pero Coelho, homem nobre da Parayba, partiu como capitão-mór de descoberta, levando uma força de 80 colonos e 800 índios, Chegou a fóz do Jaguaribe e ahi fundou o povoado que teve nome *Nova-Lisboa*. Foi esse o primeiro estabelecimento colonial do Ceará. (Alencar, 1865, p. 159, *Iracema*).

É possível notar que o funcionamento da nota acima é diferente das notas citadas anteriormente e do restante das notas que compõem *Iracema*. Uma narrativa é iniciada seguida de um comentário. Vale lembrar, com Nunes (2006), que os relatos dos viajantes do século XVI era composto de comentários; comentários que se direcionavam para as *coisas* do Novo Mundo. Tais comentários colocam em relevo a questão da referência, pois, conforme nos diz Nunes, ao descrever as novidades do país, esses falantes colocavam em evidência os referentes (Nunes, 2006, p. 54). Nas notas de

⁸ Ao trabalhar tal noção, Medeiros faz uma referência à Authier-Revuz. Em conversa com Medeiros, Authier-Revuz contribuiu para a reflexão dos glossários como metatexto.



Ubirajara, por exemplo, é possível encontrar vários tipos de comentários. Comentários que se voltam sobre as coisas, os rituais indígenas, sobre os sujeitos indígenas. Comentários que contribuem para que os indígenas sejam colocados na posição de referente, ao lado de coisas, de objetos⁹.

A análise da primeira nota de *Iracema* nos mostra que uma questão outra pode entrar em cena, na composição das notas. Notamos, principalmente, que a questão que está em jogo não é uma questão de atribuir sentidos à palavra. O gesto que se marca aqui é outro. A nossa hipótese é de que, na nota, entra em cena uma terceira posição discursiva, Posição discursiva que, por enquanto, a diremos como a de tradutor-intérprete. Em *Ubirajara*, por exemplo, as notas não se voltam apenas para as palavras e não tratam apenas de questões relacionadas à língua. Em *Ubirajara*, encontram-se tanto notas sobre modos de ser, viver, costumes, hábitos, entre outros aspectos que dizem respeito a um saber sobre o *outro*, saber sobre os indígenas. Isso coloca as notas em relação com um outro tipo de saber linguístico; saber esse que faz parte do modo de operar das enciclopédias, por exemplo. Vale lembrar que a nossa entrada nas notas se dará a partir do que elas constroem acerca do feminino, acerca da mulher indígena. Esse constitui o cerne de nosso trabalho.

Conforme Esteves (2014), as enciclopédias têm como uma de suas funções “instituir uma produção de conhecimento sobre as coisas, sobre ciência, sobre artes e sobre cultura” (Esteves, 2014, p. 48). Acreditamos que tal funcionamento, tipicamente enciclopédico, é o que incide sobre as notas de *Ubirajara*, construindo um espaço de apreensão de *coisas-a-saber*,

⁹ Procuraremos abordar tal questão ao longo da análise das notas.



conforme nos diz Pêcheux (2015, p. 41). Um espaço que diremos de um *dar a saber sobre os sujeitos*, sobre especificamente, as mulheres indígenas.

DAS NOTAS COMO UM DAR A SABER: FUNCIONAMENTO ENCICLOPÉDICO E CONSTRUÇÃO DA MULHER INDÍGENA.

Em seu estudo acerca dos dicionários no Brasil, Nunes (2007) nos diz que existe, desde o século XVII, uma separação entre o dicionário de língua e o dicionário enciclopédico (Nunes, 2007, p.175). Segundo o autor, tal distinção torna-se bastante visível no contexto francês visto que “o *Dictinnaire de l’Accademie* (1694) descrevia a “língua comum”, enquanto o *Dictionnaire Universel*, de Furétière (1690) se autorizava nos “mestres em cada profissão (Nunes, 2007, p. 176, itálicos do autor). No caso da língua portuguesa, temos em Morais (Silva, 1789) um exemplo de dicionário de língua enquanto em Bluteau (1712-1728) temos um exemplo de dicionário que apresentava uma feição enciclopédica (Nunes, 2007, p. 176). Tanto o dicionário de língua como o dicionário enciclopédico funcionam de modo a apresentar um conhecimento ilusório. O primeiro um conhecimento ilusório sobre a língua e o segundo uma ilusão de discorrer sobre as coisas do mundo, cultura, artes (Esteves, 2014, p. 48).

Tal ordem de funcionamento dos dicionários nos ajuda a pensar na ordem de funcionamento das notas em Alencar. A divisão que se dá entre um tipo de conhecimento que se faz *sobre a língua*, é o que nos leva a considerar as notas como glossários. A considerar as notas de *Iracema*, por exemplo, a partir de seu funcionamento glossarístico. No caso de *Ubirajara*, acreditamos que as notas funcionam a partir de fazer que é próprio do fazer enciclopédico, um fazer que “se produz na ilusão de apresentar todas as respostas a tudo aquilo que o sujeito deseja saber”(Esteves, 2014, p. 48). De



apresentar, no caso específico das notas em *Ubirajara*, respostas com relação ao universo indígena. Vale lembrar, com Esteves, que há entre os dicionários e as enciclopédias diferentes imaginários daquilo que está sendo tratado:

[...] os dicionários abordam a língua; as enciclopédias, os fatos, as ciências, as técnicas. Ambos são instrumentos extremamente atrelados a uma produção imaginária de conhecimento, mas cada um com um repertório de objetos a serem construídos discursivamente na organização dos instrumentos. Ademais, a presença de informação metalinguística na discursivização dos referentes é determinante no funcionamento de dicionários e enciclopédias (Esteves, 2014, p. 67).

A divisão entre os dicionários que abordam a língua e as enciclopédias não se deu de forma tão fácil. Conforme nos mostra Esteves a partir de Aurox (2008, p. 14), “o gênero enciclopédico existia desde a Antiguidade”, mas autores como D’Alembert e Diderot construíram as enciclopédias como espécies de dicionários. A organização das enciclopédias feitas em ordem alfabética, era o que dificultava a total divisão entre os gêneros. A autonomia das enciclopédias só vai sendo conquistada aos poucos. Conforme nos mostra Esteves (2014), até o século XX, elas precisam esclarecer que não são dicionários (Esteves, 2014, p. 70). Ainda, nos diz Esteves, que as enciclopédias participam do processo de descrição e instrumentação das línguas, assim como das coisas, da história, das técnicas, das artes, etc. (Esteves, 2014, p. 71).

Com Aurox (2014) compreendemos a *gramatização* como “o processo entender o processo que conduz a *descrever* e a *instrumentar* uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário” (Aurox, 2014, p. 65). Ao trabalhar a hipótese da *gramatização*, Aurox aponta para o universo das gramáticas e dicionários, mostrando como eles podem ser abordados de uma



maneira especial. Tratados como *instrumentos linguísticos*, dicionários e gramáticas passam a ser vistos não como simples objetos que descrevem uma língua, nem como objetos naturais e inatos. Segundo Auroux:

A gramática não é uma simples descrição da linguagem natural, é preciso concebê-la também como um *instrumento linguístico*: do mesmo modo que um martelo prolonga o gesto da mão, transformando-o, uma gramática prolonga a fala natural e dá acesso a um corpo de regras e de formas que não figuram juntas na competência de um mesmo locutor. Isso é ainda mais verdadeiro acerca dos dicionários: qualquer que seja a minha competência linguística, não domino certamente a grande quantidade de palavras que figuram nos grandes dicionários monolíngues que serão produzidos a partir do final do Renascimento (o contrário tornaria esses dicionários inúteis a qualquer outro fim que não fosse a aprendizagem de línguas estrangeiras) (Auroux, 2014, p. 70, grifos do autor).

Olhados a partir dessa perspectiva, dicionários e gramáticas passam a ser vistos como instrumentos capazes de prolongar a competência linguística dos locutores; capazes de modificar as práticas linguísticas humanas. Vale lembrar que, segundo Esteves, as enciclopédias participam do processo de descrição e instrumentação das línguas, funcionam elas, portanto, como instrumento linguístico.

Baseando-se na terminologia proposta por Auroux é que Esteves se propõe a pensar as diferenças e as proximidades entre instrumentos como a gramática, dicionários e a enciclopédia. Para Esteves os dois primeiros atuam produzindo, conforme terminologia proposta por Auroux, saberes *metalinguísticos*, e as enciclopédias atuam produzindo metassaber, “numa ilusão de apreensão, divulgação e ensino dos conhecimentos de diversas regiões do saber” (Esteves, 2014, p. 70). Na tentativa de especificar cada vez mais o seu objeto de análise, Esteves propõe uma partição entre tais instrumentos. Para uns é dado o lugar de *instrumentos de saber metalinguístico* e para



outros, caso das enciclopédias, é dado o lugar de *instrumentos linguísticos de metassaber*. A divisão proposta por Esteves nos ajuda a pensar o nosso objeto. Ao nosso ver, as notas de *Iracema*, sobretudo “ocupam um espaço que se pretende descrever a língua pela língua (metalinguagem) e as notas de *Ubirajara* ocupam sobretudo um lugar outro, a saber, o “do desejo de descrever o saber pelo saber (metassaber), e necessariamente pela língua como base material”(Esteves, 2014, p. 71). Atuando sobre o lugar discursivo do escritor está o sujeito na posição de intérprete-tradutor. Vale trazeremos um trecho da nota *os cantores*, nota de *Ubirajara*.

Os cantores - Os tupis eram muito dados à música e à dança. Léry fala com entusiasmo da doçura de seus cantos; e Ferdinand Denis, p. 24, afirma não sei com que fundamento que, à imitação dos chataws da América do Norte, certas nações do Brasil gozavam do privilégio de fornecer poetas e músicos aos outros povos, como sucedia com os tamoiros entre os tupis[...] (Alencar, 2015, p. 140, *Ubirajara*).

Observamos que a nota é construída de modo a produzir um saber sobre os indígenas, sobre costumes indígenas. Tal funcionamento se aproxima do funcionamento dos verbetes do tipo enciclopédicos produzido pelo viajante Hans Staden. Segundo Nunes (2006), tais verbetes eram construídos de modo que não havia uma preocupação significativa com a língua, mas sim com a produção de um saber de tipo enciclopédico. (Nunes, 2006, p. 63). O autor nos mostra que podemos localizar nesse tipo de produção

1. a formação de verbetes, isto é, de unidades textuais encabeçadas por uma palavra (que se confunde com a coisa), a qual é descrita, comentada, explicada; 2.a delimitação de domínios temáticos (viagens, animais, plantas, costumes dos índios etc.); 3.a emergência de um modo de enunciação que conjuga a descrição e uma forma de testemunho pessoal (Nunes, 2006, p. 63).



Na nota, a formulação introdutória é marcada por um tipo de discurso narrativo (os tupis eram), conjugado com um enunciado do tipo definitório, onde é dado a saber sobre os indígenas. A remissão ao discurso de Léry é feita de modo a colocar o indígena na posição do referente, na posição de ser aquele sobre o qual se fala. *Lery fala de seus cantos, fala-se dos cantos indígenas*. O recurso ao discurso indireto (*Ferdinand afirma que*) confere ao enunciado a ilusão da fala do outro, do *outro* como cronista. Interessante observar que ao indígena não é dado nem o lugar de falar *sobre as suas palavras*. Construído como *uma coisa-a-saber*, ao indígena é delegado a posição de referente, de objeto, de modo a garantir a evidência do sujeito. Na nota, incidindo sobre a posição autor está a posição sujeito tradutor-intérprete., cuja força faz desaparecer a fala do outro. Posição de dizer como é o *outro*, como se comporta o *outro*. Interessantes, adentrar as notas, levando em consideração o seu modo de funcionar que se faz a partir da produção de um *metassaber*, da produção de discurso *sobre o outro*, mais especificamente discursos *sobre* a mulher indígena.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. **Ao pé de página**: a dupla narrativa de José de Alencar. Campinas, SP, 2002.

ALENCAR, J. **Iracema**. B. L Garnier, Rio de Janeiro, 1865.

ALENCAR, J. **Ubirajara**. B. L Garnier, Rio de Janeiro, 1874.

ALENCAR, J. **Ubirajara**. Panda Books, São Paulo, 2015.

ALENCAR, J. **Iracema**. Grua, São Paulo, 2015.



AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2014.

AUROUX, S. **A filosofia da linguagem**. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 1998.

GRAFTON, A. **As origens trágicas da erudição**: Pequeno tratado sobre a nota de rodapé. Campina, SP:Papirus, 1998.

MARIANI, B. **O comunismo imaginário**: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989). Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

MAZIÈRE, F. **A Análise do Discurso**: história e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MEDEIROS, V. A retórica da mediação: dois momentos. Revista **Linguagem e Discurso**, Tubarão, v. 19, n.02, agosto de 2019.

MEDEIROS, V. **Cartografia das línguas**: glossários para livros de literatura. Revista **Alfa**, Araraquara, n. 1, v. 60, 2016.

MEDEIROS, V. Na urdidura das notas de rodapé, arquivos da língua. In: VENTURINI, M. C. **Museus, arquivos e produção do conhecimento em (dis)curso**. Campinas: Pontes, 2017b.

MEDEIROS, V. Um glossário contemporâneo: a língua merece que se lute por ela. Revista **Rua**, Campinas, n. 18, v. 02, 2012.

MEDEIROS, V. Uma reflexão sobre intervenções dos escritores e o efeito verdade. In: FLORES, G. G. B. *et al.* (Org.). **Análise de Discurso em rede**: cultura e mídia. V. 3. Campinas: Pontes, 2017a. p. 131-142.

MEDEIROS, V. Língua e sujeito na captura da palavra. In: NUNES, S. R. *et al.* (Org.) **Sujeito e memória**: lugares constitutivos. Campinas, SP: Pontes, 2016b. (Coleção Enalich)



MEDEIROS, V. Memória e singularidade no gesto do escritor-lexicógrafo. Revista **Confluência**, Rio de Janeiro, n. 46, 1º semestre de 2014.

NUNES, J. H. Definição lexicográfica e discurso. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, n. 11, 2003.

NUNES, J. H. **Dicionários no Brasil, Análise e História do século XVI ao XIX**. Campinas: Pontes Editores, 2006.

NUNES, J. H. Definição lexicográfica e discurso. Revista **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, n. 11, 2003.

NUNES, J. H. Lexicologia e lexicografia. In: GUIMARÃES, E.; ZOPPI-FONTANA, M. (Org.). **Introdução às ciências da linguagem: a palavra e a frase**. Campinas: Pontes, 2006.

NUNES, J. H. Uma articulação da análise do discurso com a história das ideias linguísticas. In: Revista **Letras**, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 107–124, jul./dez. 2008.

PETRI, V.; MEDEIROS, V. Da língua partida: nomenclatura, coleção de vocábulos e glossários brasileiros. Revista **Letras**, Santa Maria, v. 23, n. 46, jan./jun 2013

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M. **Análise do Discurso: Michel Pêcheux**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2015.

Data de recebimento: 30/06/2024

Data de aprovação: 07/08/2024

